

A Architectura Portugueza

REVISTA MENSAL

DA

ARTE ARCHITECTURAL

ANTIGA E MODERNA

Collaborada por architectos e escriptores d'arte portugueza

ANO VI — N.º 1

JANEIRO DE 1913

SUMMARIO

Um ano mais.
Casa do Ex.^{mo} Sr. Nuno P. d'Oliveira. — *Mello de Mattos.*
Projecto da casa — Architecto *sr. Norte Junior.*
Architectura dinamarqueza. — Engenheiro *Mello de Mattos.*
Intercalares I e II do projecto.

ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

Trimestre	5000	Para os paizes da união postal	
Semestre	10800	Anno	47500
Anno	30600	Anuncios pela tabella con-	
Avulso	7400	forme o espaço	

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA PALMIRA, 58, 2.º
LISBOA

TYPOGRAPHIA CESAR PILOTO
38, R. DA CONCEIÇÃO DA GLORIA
LISBOA

A ARCHITECTURA

Revista mensal
de construção
e de architectura pratica

Editor, Director e Proprietario — **Nunes Collares**

Secretario da Redacção — **Mario Collares**

Composto e impresso na Typ. CESAR PILOTO — 38, R. da Conceição da Gloria, (Avenida)

Foto rafiaes de *Manuel Manaças*—Gravuras de *P. Marinho*

PORTUGUEZA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PALMIRA, 58, 2. — LISBOA

Um ano mais

Na vida humana, mais um anno representa sempre um periodo de tempo a menos na existencia, mais uns cabellos brancos, mais algumas desilusões.

Na vida de um jornal, mais um anno, representa maior soma de trabalho insano, de exorço, de lucta sem treguas.

E' assim que «A Architectura Portuguesa» se tem mantido durante um lustro e vae, com este numero, começar o seu sexto anno de publicação.

Quem não conhece a vida jornalística do nosso paiz, especialmente a técnica e artistica, não pôde fazer idéa da persistencia do esforço, da serie de contrariedades, que são necessarias vencer para poder sustentar uma publicação especial da indole da «Architectura Portuguesa», em meio tão restrito e, em regra, refratario a auxiliar taes publicações.

No emtanto, apesar dos vaticinios, quasi geraes, de que o *pinto morreria na casca*, dos que viram o inicio da nossa tentativa, «A Architectura Portuguesa» sustentou-se, senão com desusado brilho, como poderia ter sucedido em paiz de maior população e em que a instrucção mais divulgada estivesse, pelo menos sem nos envergonhar aos olhos de nacionaes e estrangeiros, pois que, se ha melhor lá fóra, tambem ha peor.

Pôde fazer-se melhor no nosso paiz? Sem duvida. Mas para isso, precisamos de mais elementos que só com o auxilio de mais assignantes e anunciantes se pôde conseguir.

Nunca esperámos que a publicação da «Architectura Portuguesa» fosse uma empresa remuneradora, pois sempre olhámos ao meio em que era tentada; no entanto, com os poucos recursos que temos tido, estamos convictos de que ninguem poderia ter feito mais e melhor.

Não nos abandonou, porém, ainda a esperança que sempre nos sustentou ao tentar o feito, isto é, chegar a colocar a nossa revista a par das melhores que no estrangeiro existem, e para tal conseguirmos basta que os nossos actuaes assignantes e anunciantes nos continuem coadjuvando como até aqui e que mais alguns, de uns e outros, venham auxiliar-nos nesta cruzada de sustentar, atravez todos os obstaculos, a unica publicação de arte architectonica existente no paiz.

E, essa esperança, anima-nos a continuar com fé viva no porvir, esquecendo os abrolhos do caminho, para seguir ávante.

A redacção.

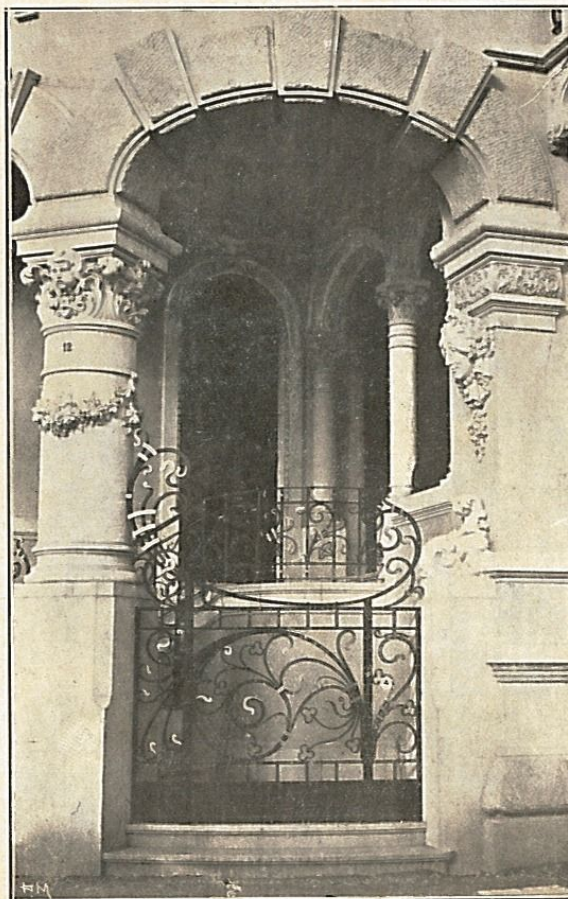
Casa do Ex.^{mo} Sr. Nuno P. de Oliveira

Na Praça Duque de Saldanha,
tornejando para a Avenida da Praia da Victoria

Arquitecto sr. Norte Junior

Com a grande autoridade histórica que possuia, Alexandre Herculano definiu a evolução portuguesa no século XVIII pelo exame dos monumentos que nos legou.

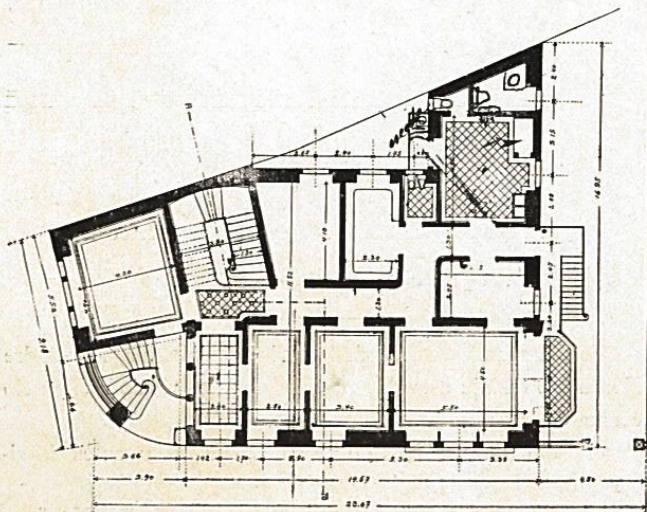
«As obras magnificas do nosso Luis XIV ou antes do si-



Detalhe do gaveto

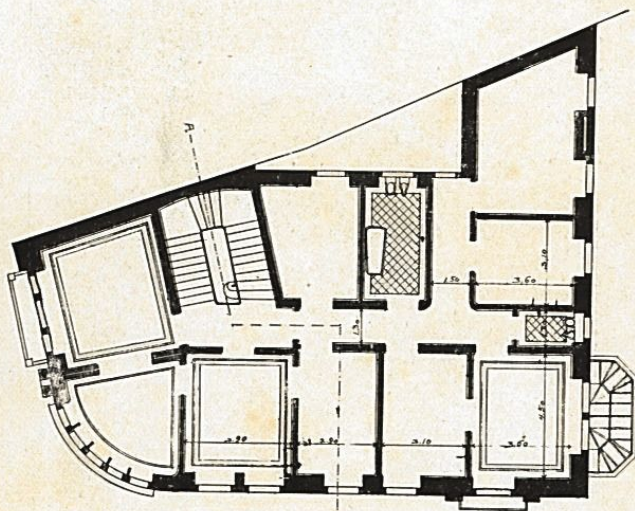
mia de Luis XIV e mais que tudo a edificação do fradescio palácio de Maфра fizeram aparecer estatuários, esculptores, architectos. Achou-os o conde de Oeiras e deu aos seus talentos nova applicação. Ao gosto corrompido da architectura italiana

que era a seguida em Portugal, fez substituir um gosto mais severo, mais util e mais mesquinho. Era o homem político, o homem da vida prática dirigindo as artes; eram as artes reduzidas pura e simplesmente a um ramo de administração. Compare-se o caracter geral do convento de Mafra como o



Planta do rez do chão

das grandes obras do marquês de Pombal, o plano da nova Lisboa, o Terreiro do Paço, a Alfandega, o Arsenal de Marinha, a parte moderna dos edificios da Universidade de Coimbra... «O despotismo ignorante e presumido estragou a arte



Planta do 1.º andar

com a puerilidade; o despotismo ilustrado estragou-a com a razão.»

Por não querer subordinar-se á burocracia é que o sr. Norte Júnior projecta e constroee obras inconfundiveis, como aquela que hoje se publica na *Arquitectura Portuguesa*.

Não é o sr. Norte Júnior um desconhecido para os leitores desta revista, mas não imagina a maioria deles quão intensamente exigente é para os seus projectos este architecto.

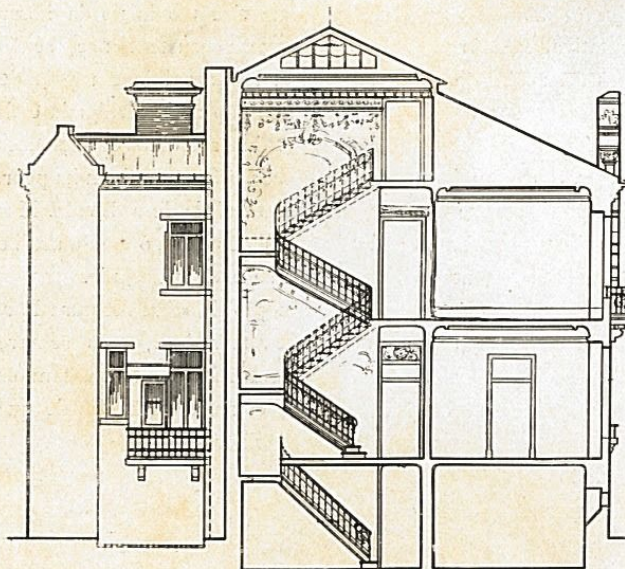
Talvez houvesse agora ensejo de contar que foi quasi preciso furtar-lhe uns desenhos com o intuito de os publicar em revista técnica. Iam a caminho de casa do gravador, já as fotografias estavam tiradas. Faltava passa-las á zincografia, quan-



Fachada lateral

do o auctor do projecto impunha intrasigente, quasi feroz, que se não publicassem.

Pedia-se-lhe que consentisse, que deixasse publicar aquele trabalho. Era uma expressão de arte que não destoava doutros



Corte por A B

trabalhos. A todas as razões do proprietario da revista respondia com uma negativa fria, cortante, quasi cruel.

E comtudo era um projecto de modesta habitação, onde o artista indelevelmente imprimira o cunho da sua capacidade, mas que não lograra agradar-lhe esta sua concepção.

Quem sabe porém se alguma esquecida prova fotografica

não irá um dia parar a mão de quem pergunte curioso o nome do autor do edificio e não queira que ele projecte coisa parecida?

Se tal succeder, com quem escreve esta nótula, desde já declara que não promete «esconder a luz debaixo do alqueire» mas será linguarudamente inconfidente, como diplomata novato, ou como general que, depols de organizar a derrota em



Detalhe da fachada sobre a Avenida da Praia da Victoria

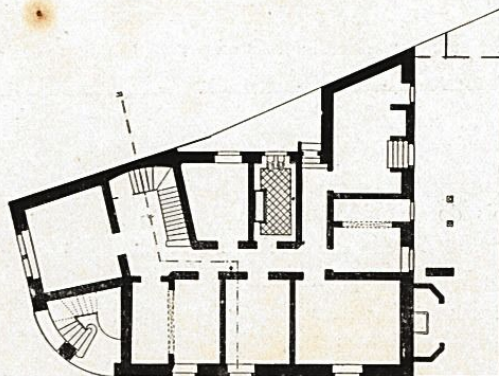
exército, que foi ensinar, vem pedir que se faça uma guerra na Europa Central, para experimentar...

Deixemos porem essas elocubrações políticas, tanto mais descabidas quando é certo que todos os anos se fazem congressos da paz e volvamos a falar do edificio cuja fachada ornamenta uma praça sem árvores, muito vasta, no cruzamento de largas avenidas e amplos arruamentos.

Vê se no meio daquela praça uma estátua que se perde na amplidão do largo e que é tambem um vivo comentário a uma época histórica que morreu. Ainda na desproporção entre o monumento e a praça se encontra a confirmação do que escreveu o grande historiador Alexandre Herculano. Grandiosos foram talvez os planos que se gizaram nos quinze lustros em que durou o constitucionalismo, mas a sua execução era sempre tacanha. Faltava a persistência ou talvez sobrasse a vaidade. Os que vinham procuravam desfazer o que encontravam,

talvez para assim darem a perceber que tambem tinham ideias ou que se inspiravam no *nos quoque* do palito métrico. Queriam mostrar que eram gente, desmanchando o que os outros tinham construido.

Foi precisamente naquela praça, tão deserta, quanto vasta

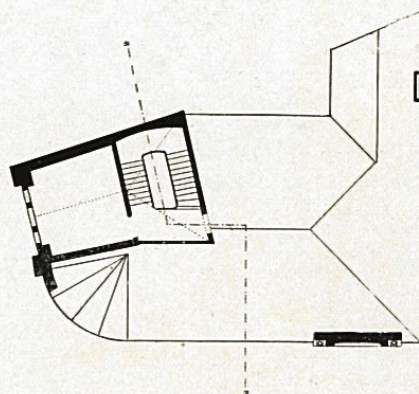


Planta das caves

que o sr. Norte Júnior foi chamado a constituir uma casa de habitação num terreno de gaveto. Deixou o lapis correr ao sabor da fantasia, traçando arcos de volta abatida que soube combinar com rígidas padieiras e arcarias de volta inteira, geminadas todas. Os balcões de sacada assentando em encachorramentos e a variedade de ornamentações nos extremos do edificio mostram a pujança imaginativa do artista.

Todavia quem apresenta este trabalho é mais construtor do que architecto, por isso que profissionalmente é engenheiro. Ora o construtor é um critico impiedoso e por isso dos embrincados da estilisação pouco se importa, Num pronto reduz a fachada ás suas linhas de resistencia, despindoa-a de ornatos, de rusticados, de grinaldas, de colonelos, de mísulas, de releixos, de encachorrados e procura apenas num rápido exame se a obra é capaz de resistir.

Pois bem, se fizer a experiencia com aquela que hoje dá á



Planta do sotão

estampa *A Architectura Portuguesa*, verificará que a estafada regra de Véron acerca do papel do calculo e a da geometria nas artes architectonicas foi exuberantemente respeitada,

não porque o sr. Norte Júnior as tivesse em vista, mas porque lhe succedeu o mesmo que a todo o artista. Instintivamente achou dentro da expressão artística aquela que melhor corresponde aos fins resistentes a que deve obedecer todo o trabalho de arquitectura.

Esta edificação por si só realça a praça em que se ergue e o sr. Nuno de Oliveira, confiando esta obra a um artista de raça prestou um relevante serviço ás artes construtivas. Assim todos procedessem.

Mello de Mattos.

Depois do bello artigo, acima publicado, do nosso querido amigo e distinto engenheiro e escritor publico, Ex.^{mo} Sr. Mello de Mattos, a quem *A Architectura Portuguesa* tanto deve, desnecessario se torna dizer qualquer cousa mais sobre o assunto propriamente dito.

Resta-nos, porém, um dever, que sempre temos procurado cumprir o melhor que podemos e sabemos. E' salientar os colaboradores, obscuros ou não, que sobresaem nos trabalhos que publicamos, além do auctor do projecto, que, por direito, tem a primasia.

Por isso, mencionaremos em primeiro logar o constructor da obra, o sr. Antonio Pedrosa, um habil e consciencioso artista que tem sabido grangear a estima de todos os que com elle tratam, pelo seu bello character e que se desempenhou do encargo cometido com a competencia de sempre.

Os vitraes são do sr. Claudio Martins, sem constestação o nosso primeiro vidreiro, se esta expressão nos é permitida, ao qual todos os elogios são merecidos pela forma como procura progredir, de maneira que os seus trabalhos rivalisam hoje com o que de melhor se faz no estrangeiro, não precisando por isso importar trabalhos em que elle é eximio e em que modesto em tudo, tambem o é, nos preços.

A pintura a fôsko é do sr. Gabriel Constante, tantas vezes n'esta revista citado, pois que, em obras importantes executadas na capital nos ultimos anos, aparece o seu nome, firmando verdadeiros primores artisticos.

A modelação, que é um trabalho de primeira ordem, foi cometida ao sr. Perez Mora, que não conhecemos pessoalmente, mas de que temos conhecimento pelas suas obras, realmente dignas de apreço.

Os trabalhos de serralharia foram executados nas oficinas dos srs. Jacob Lopes da Silva e Vicente Joaquim Esteves. O primeiro é um bom artista, do que nesta revista tem dado provas. O segundo, que nesta obra tem os trabalhos mais importantes, tem sabido acreditar-se pelos belissimos trabalhos de inexcédível execução, tão espalhados pela capital, especialmente nas portas de ferro das joalharias Lory, Viuva Canongia e outros estabelecimentos.

São das oficinas do sr. Esteves, todos os trabalhos de serralharia do gavêto, como a cancella de entrada, os gradeamentos do vestibulo e a linda porta que no mesmo existe e que se não divisa na gravura, pois que a fotografia já difficilmente e incompletamente a reproduziu e a gravura acabou

por a eliminar, por se não prestar no ponto em que se acha colocada a melhor reprodução.

O proprietario, cavalheiro de finissimo trato e de incontestavel bom gosto, encarregou o illustre artista sr. Julio Vaz, da confecção de um trabalho de escultura para ser colocado no jardim de inverno correspondente á sala de jantar.

Julgamos ter prestado, com estas notas, a devida justiça aos que bem trabalharam, coadjuvando o distincto e genial architecto para a erecção de uma das mais lindas vivendas que ultimamente se tem construido na capital.

N. C.

Arquitetura dinamarqueza

(Continuação)

O estudo da architectura passada fez progressos rias de 1860 em deante. Grandes trabalhos importantes de restauração da catedral de Vabirgo por Nebelong, Tholle e Storck, algum tanto no fim, por Amberg, a igreja de Maribo e o claustro de S. Bento em Rugsted por Storck, a reedificação do Palácio de Frederisksborg depois do incêndio de 1859 por Meldahl e tambem a restauração de numerosos edificios ecclesiasticos e outros, não obstante varios dispendiosos, desenvolvem uma arte de restauração que em caso algum fica abaixo, antes acima daquilo que anteriormente se fizera nesse sentido.

Estas obras em correlação com a cuidadosa mensuração dos velhos edificios executadas especialmente debaixo da direcção de H. J. Holm teve grande influencia nos efeitos educativos e no progresso recente da architectura dinamarquesa. O facto de serem primeiramente avaliados com o consequente estudo cuidadoso dos materiaes empregados, granito das egrejas da Jutlandia, tufo calcáreo, e tejos nas egrejas das ilhas dinamarquesas, o seu trabalho mecânico tantas vezes excelente, a feição artistica em concordância com o seu uso intencional, o conjunto desta obra da velha architectura da Dinamarca tudo deu naturalmente aos architectos conhecimento da importância do material e uma concepção do seu valor independente do edificio, o que foi um bom ensino. Muito naturalmente as nossas egrejas foram os primeiros mestres, especialmente as do período Românico, que tão monumental quanto esplendidamente representam a Dinamarca.

Mas havia alguma coisa mais tardia que interessava nos magnificos castelos e caracteristicos (*manoirs*) da Renascença ultimos dos quais suplantavam excelentemente na casa de moradia o estilo de igreja algum tanto inadaptavel.

A par da entrada no espirito da velha architectura dinamarqueza veio a influencia italiana, que ainda era a mais importante, embora não o unico objecto das longas jornadas para estudo da architectura. Era particularmente a arte da Edade Média e da Renascença que se contemplava na Italia e coube á Italia importância excelentemente grande na nossa moderna architectura dinamarqueza como guia na compreensão do arrojado estylo simples architectónico.

A acção alternante entre o estylo do norte e italiano manifesta-se como uma linha encarnada em muitos monumentos dinamarquezes desde os tempos de Herholdt e um exame rigoroso do que se deve a cada uma destas partes da nossa architectura explicaria varias circumstancias interessantes e esclareceria problemas que são tambem da maior importancia nos seus futuros progressos.

Efectuou-se a principio ao mesmo tempo uma tradição perfeita da architectura dinamarquesa e italiana de uma maneira livre e indepente dentro dum conjunto numa obra extranha que marca uma epoca, isto é, o instituto Abel Cathrine erigido por Storck em 1886.

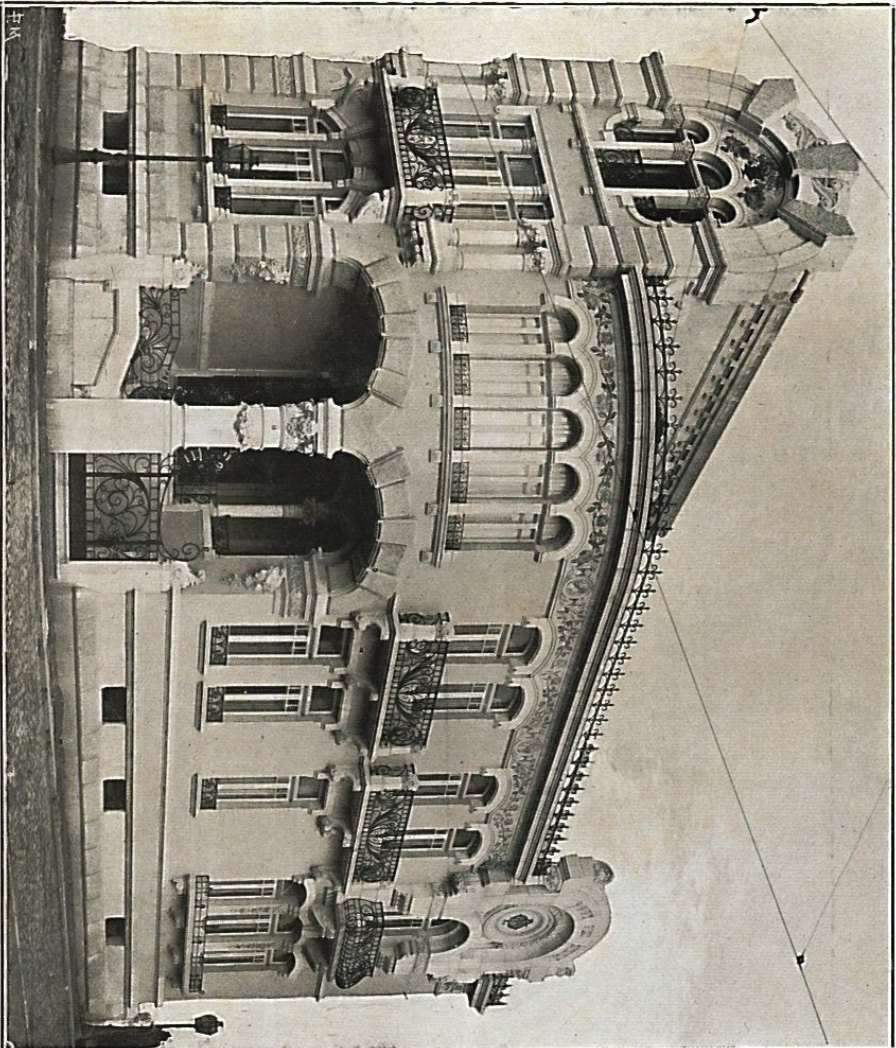
(Continua)

A ARCHITECTURA PORTUGUEZA

INTERCALAR

Casa do Ex.mo Sr. Nuno de Oliveira

Na Praça Duque de Saldanha, tornejando para a Avenida Praia da Victoria



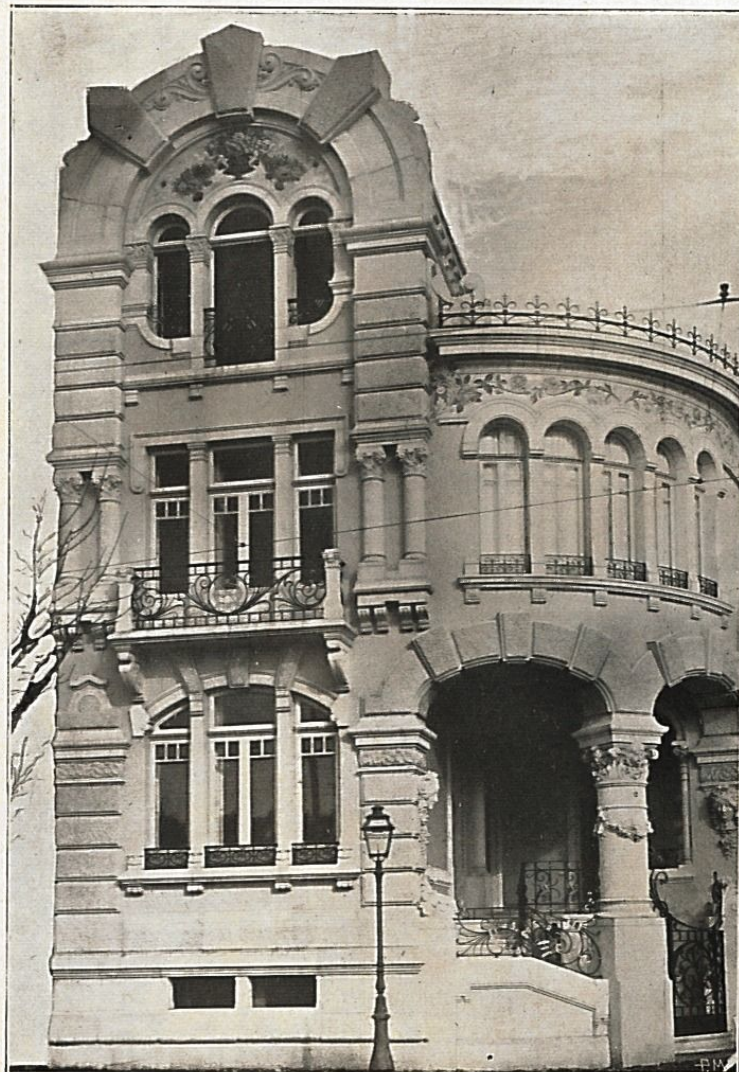
Perspectiva

ARCHITECTO : NORTE JUNIOR

ANO VI—N.º 1

Casa do Ex.^{mo} Sr. Nuno de Oliveira

Na Praça Duque de Saldanha, tornejando para a Avenida Praia da Victoria



Fachada sobre a Praça Duque de Saldanha